

HISTÓRIA, MEMÓRIA E TECNOLOGIA: OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS EM MUSEUS

HISTORY, MEMORY AND TECHNOLOGY: THE CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF TECHNOLOGICAL RESOURCES IN MUSEUMS

Miguel Brandão Martinez¹

Resumo

Esta pesquisa aborda a relação entre os museus e as novas tecnologias digitais, mostrando as possibilidades de utilização, o modo que podem ser inseridas nas exposições e os benefícios que esses espaços podem ter ao se adequarem às novas demandas sociais. Para analisar essas contribuições tecnológicas, foi desenvolvido um estudo sobre a exposição permanente do Museu Mário Fava, responsável por preservar a história da criação da Estrada Pan-Americana e dos imigrantes italianos que chegaram ao município de Bariri entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Portanto, o objetivo do presente trabalho é mostrar que além dos museus serem importantes para a construção da memória e da identidade da sociedade – e da comunidade italiana que se formou no município –, inserir a tecnologia em suas exposições, de modo consciente e com uma finalidade clara, contribui para que os cidadãos se sintam atraídos a visitá-los.

Palavras-chave: Museu; Acervo; Imigração; Tecnologia.

Abstract

This research looks at the relationship between museums and new digital technologies, showing the possibilities for their use, how they can be inserted into exhibitions and the benefits that these spaces can have by adapting to new social demands. In order to analyze these technological contributions, a study was carried out on the permanent exhibition of the Mário Fava Museum, which is responsible for preserving the history of the creation of the Pan-American Highway and the Italian immigrants who arrived in the municipality of Bariri between the end of the 19th century and the first half of the 20th century. Therefore, the aim of this work is to show that as well as museums being important for building the memory and identity of society - and of the Italian community that was formed in the municipality - inserting technology into their exhibitions, consciously and with a clear purpose, helps to attract citizens to visit them.

¹ Graduando do 4º ano de História do Unisagrado. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Lourdes M. G. C. Feitosa e Roger M. M. Gomes, para as disciplinas de Metodologia da Pesquisa em História e História Contemporânea.



Keywords: Museum; Collection; Immigration; Technology

INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado como um dos países mais miscigenados do mundo. Desde o início da colonização, diferentes nacionalidades desembarcaram na costa do atual território nacional e formaram aquilo que hoje chamamos de povo brasileiro (RIBEIRO, 2006). Durante o período colonial, a origem do maior contingente das pessoas que aqui passaram a habitar era o continente africano a partir da escravização massiva executada pelos europeus, especialmente os portugueses. No período imperial, o mesmo cenário se apresentava, pelo menos até meados da década de 1850, quando a necessidade do aumento da mão de obra passou a fazer com que o governo e os produtores agrícolas empenhassem seus esforços para a atração de imigrantes (LUNA & KLEIN, 2019).

Uma das nacionalidades com maior contingente de registros de entrada no país foi a italiana. Dos mais de quatro milhões de imigrantes que aqui desembarcaram entre 1888 e 191939, 34% desse montante correspondia aos italianos (TRUZZI, 2016). Uma das maiores concentrações foi o estado de São Paulo, com a economia impulsionada pela economia cafeeira que possibilitou a expansão agrícola para as terras do chamado “novo oeste paulista”.

Um dos locais que recebeu uma significativa quantidade de italianos foi o município de Bariri, localizado a pouco mais de 300 quilômetros da capital paulista. O rápido desenvolvimento da economia local com os cafezais fez que a região expandisse sua densidade demográfica rapidamente. Entre esses imigrantes pioneiros, estava a família de futuro baririense Giuseppe Mário Fava, que nasceu em 24 de janeiro 1907 e passou sua juventude no local. Depois mudou-se para Pederneiras, local que passou a exercer a profissão de mecânico na prefeitura do município até o momento que foi convidado para integrar a expedição que o levaria até os Estados Unidos da América.

Essa façanha descoberta por alguns baririenses décadas depois deu origem ao Museu Mário Fava. O museu conta a história da *Carretera Panamericana*, expedição responsável por criar a Estrada Pan-Americana, rota que ligou as três Américas e que foi construída entre 1928



e 1938, totalizando mais de 27 mil quilômetros. O museu recebeu este nome em homenagem ao Mário Fava, mecânico dos dois automóveis que realizaram essa façanha, junto com Leonidas Borges de Oliveira e Francisco Lopes da Cruz.

Os desafios e conquistas dessa jornada passaram a ser contadas no museu, que teve sua inauguração em 2018. Desde a ideia inicial, o público-alvo eram os estudantes do ensino básico do município. Em sua configuração inicial, o museu não contava com recursos tecnológicos, e ao notarem que os estudantes necessitavam de uma maior interação com a exposição, adquiriram tablets interativos para que o “nativos digitais”² se sentissem ainda mais atraídos a conhecer e compreender a história.

Com a pandemia de Covid-19 no início de 2020, o museu teve de cancelar o atendimento ao público e buscar novas alternativas. Passou-se então a utilizar as mídias sociais e no mesmo ano iniciou a web série *As aventuras de Mário Fava através das três Américas*, que será analisada neste trabalho, assim como a narrativa *museal*, tal como informada no site oficial do museu³, que foi produzida a partir das informações fornecidas pelo seu curador, José Augusto Barboza Cava, e dos livros *O Brasil através das três Américas* (2011) de Beto Braga e *Eu não sabia que era tão longe* (2017) de Osni Ferrari. Para tanto, analisaremos inicialmente a trajetória de formação do município, a chegada dos imigrantes, o desenvolvimento econômico e social local, bem como a participação dos italianos nesse processo, para posteriormente discutir os as possibilidades e desafios do uso de recursos tecnológicos em museus.

A EXPANSÃO DOS CAFEZAIS PARA O OESTE PAULISTA E A IMIGRAÇÃO

No início do século XIX, o café adentrou as terras paulistas vindo da província do Rio de Janeiro pela costa fluminense e chegou as cidades de São Sebastião e Ubatuba, no litoral norte de São Paulo, e depois transpôs a Serra do Mar e se instalou em outras partes do Vale do Paraíba. A partir das décadas de 1820 e 1830, passa a se disseminar para o resto da província e chega à região do oeste paulista nos últimos anos do século XIX (LUNA &

² Termo utilizado para fazer referência as pessoas que nasceram em contato direto com a tecnologia, como videogames, internet, celular e computador.

³ www.museumariofava.com.br



KLEIN, 2019)⁴.

O café era um produto brasileiro destinado a atender os padrões de consumo de massa, desde as primeiras décadas do século XIX, da Europa e da América do Norte. A mão de obra para o trabalho na lavoura era predominante de escravizados, mesmo com leis⁵ que já apontavam para um cenário em que esse regime de exploração estaria próximo do fim.

Os cafeicultores já se esforçavam por viabilizar a vinda de imigrantes muito antes da abolição, primeiramente com iniciativas próprias e em seguida com iniciativas bancadas pelo estado, como a imigração subsidiada. O decreto da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, que pôs fim a legalidade da escravidão, não fez mais que consubstanciar uma situação insustentável na qual as rebeliões de negros se tornavam cada vez mais numerosas e ameaçadoras (FERNANDES & COSTA, 2020).

De qualquer forma, os números sobre a entrada de imigrantes no país nos mostram que os cafeicultores paulistas, principalmente após a abolição, empenharam mais esforços para suprir a ausência de mão de obra com a atração de *imigrantes para o café* (HOLLOWAY, 1984). Entre 1827 e 1887, entraram em São Paulo cerca de 85.000 imigrantes europeus, mas nos dez anos seguintes (que sucederam a abolição em 1888) o estado recebeu 823.000 imigrantes oriundos do Velho Continente (LUNA & KLEIN, 2019).

Os imigrantes que desembarcaram nos portos brasileiros com destino ao território paulista eram, em sua maioria, espanhóis, portugueses e italianos, e tinham motivos semelhantes nas regiões de origem para buscar um novo local para morar: cenário de perseguições e instabilidades políticas e religiosas, que contribuía com o desejo de se tornarem proprietários de um negócio ou de um lote de terra (GONÇALVES, 2020).

Essa onda migratória impulsionou a reconfiguração econômica, geográfica e demográfica do estado de São Paulo. Algumas décadas antes de 1888, algumas famílias

⁴Para observar a produção cafeeira nas regiões pioneiras da província de São Paulo, consulte o mapa 6.

⁵Em 1850 foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, pondo fim ao tráfico internacional de escravizados. Em 1871 foi aprovada a Lei do Ventre Livre, em que todos os filhos de escravos nascidos no Brasil a partir daquele ano seriam considerados livres. No ano de 1885, foi aprovada a Lei dos Sexagenários, que concedia a alforria para os escravos que tivessem mais de 60 anos (apesar de terem que cumprir condições rígidas). Para uma análise mais detalhada desse contexto histórico, ver Fausto (2021).



paulistas pioneiras na produção de açúcar e no cultivo do *ouro verde*⁶ (especialmente das cidades de Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiaí), além de outros *precursores*⁷ das áreas mineradoras decadentes do estado de Minas Gerais, voltaram seus esforços para explorarem e tomarem posse de terras na região oeste do estado, que até o momento eram inexploradas. Então, quando os imigrantes passam a chegar em massa para o trabalho nas lavouras, mais de 50% do atual território de São Paulo já possuía plantações de café e o restante do território paulista passaria a ser explorado e ocupado pelos cafezais nas décadas seguintes.

Essa ocupação ocorreu em paralelo com a expansão das ferrovias, que passaram a ser construídas para atender a demanda da produção de café na região oeste. Para escoar a produção da região até o Porto de Santos⁸, foi inaugurada em 1867 a São Paulo Railway Company, que ligava a cidade de Jundiaí (tradicional entrada do oeste paulista) com o Porto de Santos, e que contava com 167 quilômetros de extensão (LUNA & KLEIN, 2019). Já em 1886, outras ferrovias e ramais já haviam sido construídas, e as que partiam em direção ao oeste do estado eram a Estrada de Ferro Paulista, que se encontrava com a Estrada de Ferro Rio Claro, a Estrada de Ferro Ituana e a Estrada de Ferro Sorocabana (que partia diretamente da capital rumo ao interior).

O rápido avanço nas construções das ferrovias revela que o café passou a ser o principal produto agrícola cultivado no estado (principalmente no Oeste). Após a abolição da escravidão, somada a vinda dos imigrantes para o trabalho nas lavouras, São Paulo assumiu o papel hegemônico na produção de café no país. Entre 1854 e 1900⁹, a produção paulista aumentou 10 vezes, representando dois terços da produção nacional e 62% do café consumido no mundo nesse último ano.

Uma das regiões que passou a ocupar papel de destaque pela produção cafeeira é a do atual município de Bariri. Localizado a pouco mais de 300km da capital paulista, a região passou a ser povoada a partir de 1833 com José Antonio de Lima com seus irmãos, cunhados,

⁶Termo popular utilizado para fazer referência ao café.

⁷Termo empregado aos primeiros exploradores da região oeste do estado. (MONBEIG (1984) *apud* TRUZZI & VOLANTE, 2021)

⁸Antes das ferrovias, a produção era transportada por animais. Para uma análise mais detalhada dos impactos desse tipo de transporte, ver Luna e Klein (2019).

⁹No ano de 1900, a safra do café gerou 9 milhões de sacas (LUNA & KLEIN, 2019).



mulheres e filhos, além de quase uma dezena de escravos (Martins, 1940, p. 82). Segundo Zanotti (1980):

Com o passar do tempo, mais e mais moradores foram se acrescentando aos já estabelecidos, muito provavelmente sendo chamados pelos próprios parentes que ali residiam. Geralmente ocorria que um pequeno grupo de mineiros se assenhorava de uma grande extensão de terras e depois voltavam a casa para reunir parentes e amigos que se interessassem em explorar seus domínios. Tornaram-se grandes proprietários de terras da noite para o dia, porém, continuaram pobres visto que as terras ainda não eram valorizadas. (ZANOTTI, 1980, p. 25 e 26)

A origem desses moradores remete ao sul do estado de Minas Gerais, que buscavam outros locais para o desenvolvimento econômico visto a decadência das minas nos anos anteriores, e adentravam o estado de São Paulo pela região de Ribeirão Preto até chegarem a Araraquara, que era o centro urbano mais próximo da região, fazendo com que o deslocamento humano e da produção agrícola passasse pelo local.

É provável que tenha se formado um núcleo urbano nessa região para servir como local de descanso e apoio os mineiros que migraram para as regiões onde hoje se encontram o município de Jaú, Bariri e Ibitinga, além de outros mais próximos com a divisa do atual estado do Paraná, como São Pedro do Turvo e Campos Novos¹⁰. No decorrer dos anos, Bariri seguiu uma trajetória semelhante as cidades que foram se formando na região, sendo inicialmente uma vila, um termo¹¹ e finalmente município em 1889, atingindo sua autonomia política e jurídica somente em 1892 (MAZOTI, 1990).

No que concerne aos imigrantes, especialmente os italianos, não se tem uma data exata do estabelecimento na região. Em seu estudo sobre os imigrantes italianos, Mazoti (1990) constatou que em 1890, havia 10 imigrantes italianos registrados em Bariri. Esse número sobe para 42 em 1895, 71 em 1900 e 136 em 1905. Esse aumento exponencial em um curto intervalo de tempo se deu principalmente pela rede migratória¹² estabelecida entre os imigrantes italianos pioneiros e as regiões de origem na Itália.

A colônia que se formou no município recém-formado não ficou alocada somente no meio rural, como narrado por Zanotti (1988):

¹⁰Hoje o município tem o nome de Campos Novos Paulista.

¹¹ Vila que não tinha autonomia política por conta da quantidade de habitantes.

¹² Ver Tilly, 2007.



Desde os primórdios da instalação do município em 1890, a colônia italiana já se fazia presente. Desde então, já se encontravam nomes de origem italiana em cargos de administração pública ou encabeçando listas de proprietários de terras, o que demonstra que o imigrante nem sempre foi o trabalhador rural, colono pobre, empregado de fazenda. Houve casos de alguns imigrantes que trouxeram consigo algumas economias e acabavam por se constituir em prósperos fazendeiros em terras paulistas, ou dedicavam-se em empreendimentos pioneiros na indústria, no comércio e até mesmo nas artes. Sobrenomes Ticianelli, Folloni, Venturini, Bottura, etc, aparecem a partir de 1905 como cafeicultores em Bariri. (ZANOTTI, 1988, p. 59)

Nota-se que os italianos e seus descendentes ocuparam diferentes espaços nas esferas sociais do município, assim como em outras cidades do interior paulista (TRUZZI, 2016). Essa mobilidade não padronizada fez que os imigrantes buscassem uma forma de se conectarem as origens e reconstituírem sua identidade que havia se dissipado com o deslocamento transatlântico, numa espécie de *italianidade* (TRUZZI, 2016).

Foi nesse contexto que se deu a criação da *Società Italiana di Beneficenza IV di Novembre* (Sociedade Italiana de Caridade IV de Novembro), que construiu um prédio para realizarem seus eventos, tendo sido inaugurado em 1922, no ano em que a associação comemorava seu primeiro aniversário, sendo finalizada totalmente dois anos depois, no dia 4 de novembro de 1924.

Segundo Cava (2017), a principal função da sociedade italiana era acolher os imigrantes italianos que chegavam até Bariri, os orientar e auxiliar na instalação de suas famílias. Outra função era o caráter beneficente da associação, que durante duas décadas prestou auxílio à Santa Casa de Misericórdia de Bariri. A partir disso, notamos que a colônia buscou constituir um alto grau de capital social, que segundo Putnam (2006), a participação em associações comunitárias – nesse caso, uma associação mutualista étnica – propicia a aproximação entre as pessoas e fortalecem os laços entre elas, favorecendo a busca por um bem comum, bem como os sistemas de participação cívica, que são “uma forma essencial de capital social: quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo” (PUTNAM, 2006, p. 183).

Podemos considerar essa sociedade como uma forma de participação cívica, e o benefício mútuo (ou bem comum), que levou a construção da sede social, como um elemento



de coesão e reforço identitário, pois como a maioria dos imigrantes italianos que vieram para o município encontraram dificuldade em se estabelecer inicialmente e preservar seus laços culturais, ter um espaço de auxílio e preservação da identidade – ou dessa nova identidade local – era fundamental para que os novos imigrantes também obtivessem sucesso na jornada que iriam iniciar no município.

Em 1939, a Segunda Guerra Mundial iniciou e quando o Brasil entrou no conflito ao lado dos Aliados, o governo varguista determinou o fechamento de associações e organismos com países que tivessem alguma ligação com os países do Eixo. O prédio da Sociedade foi doado a Santa Casa de Misericórdia e todas as associações de caráter nacionalista italiana em território nacional foram decretadas clandestinas (ZANOTTI, 1988).

Após a doação, o prédio abrigou o Fórum de Bariri, e em meados de 1970 a Coletoria Estadual. Em seguida, foi utilizado como restaurante, que se chamava Restaurante Dona Carmen. Após esta função, abrigou uma danceteria por um curto período e posteriormente foi alugado para uma locadora, que encerrou suas atividades no ano de 2013 e o prédio ficou fechado desde então, até surgir o desejo de criar o Museu Mário Fava nesse local (CAVA, 2017).

OS PERCURSOS HISTÓRICOS DOS MUSEUS E A CRIAÇÃO DO MUSEU MÁRIO FAVA

O ato de preservar a memória e os objetos em determinados locais está presente nos seres humanos desde a antiguidade, principalmente com os gregos, através do Templo das Musas, filhas de Zeus com Mnemosine, local que abrigava diferentes ramos das artes e ciências, que era chamado de *mouseion* (CARLAN, 2008). Com o passar do tempo, o agrupamento de objetos passou a se disseminar pelo mundo, e os museus começaram a serem vistos e analisados com maior frequência, em especial após a aceitação da cultura material como fonte documental a partir da segunda metade do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, e com a Escola dos Annales, no início do século XX (FUNARI, 2008).



Esses objetos presentes nos museus passaram então a serem analisados e estudados para uma melhor compreensão de determinado povo e período. Essa ideia pode ser observada nas palavras de Carlan (2008, p. 82), ao afirmar que “o museu é responsável pela produção do conhecimento e a convergência dos saberes científicos”, e na afirmação de Carvalho (2008, p. 14 *apud* DUMBRA E ARRUDA, 2013, p.123), que “compreende os museus históricos como espaços essenciais para a preservação, valorização e difusão do patrimônio, sendo sua missão se colocar a serviço da sociedade”. Farias Júnior (2021, p. 14) é enfático ao afirmar que “no momento do contato com os vestígios do passado, os sujeitos operam uma relação dialógica entre seus próprios conhecimentos prévios e a narrativa histórica mais abrangente em torno da qual os vestígios são situados”.

Desta forma, preservar o passado através de seus vestígios e objetos é fundamental para manter a *identidade* de determinado grupo social (HALL, 2019).

E foi a partir da perspectiva de preservar a identidade e a memória que surgiu a ideia de criar o do Museu Mário Fava. José Augusto Barboza Cava, junto de Aziz Chidid Neto, que residia no Rio de Janeiro, e Ari Francisco Fiadi, que morava em São Paulo, todos barrienses de origem, idealizaram sua criação e escolheram o local no qual seria instalado. Esses dois últimos tomaram conhecimento da história de a partir de uma publicação feita no Jornal Candeia, na qual o escritor Osni Ferrari narrava parte da expedição que posteriormente se transformaria no livro *Eu não sabia que era tão longe* (2017). Então, os dois empresários se encontraram em Indaiatuba e começaram a pensar em um modo de eternizar a história (CAVA, 2017).

Por conta do período que o prédio permaneceu fechado, e pela falta de reforma por parte dos antigos inquilinos, se encontrava em um estado que não poderia comportar uma nova finalidade sem antes passar por uma restauração. Sendo assim, a empresa Bariri Empreendimentos Culturais se comprometeu com a Santa Casa em realizar a obra, mantendo seus traços e linhas originais. E além da reforma completa, foi construído no fundo do terreno um auditório frequentemente utilizado para palestras. Em 2018, o museu foi oficialmente inaugurado para contar, exclusivamente, a história da Carretera Pan-americana, que teve como um dos expedicionários o barriense Mário Fava, filho de imigrantes italianos ali estabelecidos. Essa jornada



[...] teve início na cidade do Rio de Janeiro, onde Leônidas Borges de Oliveira, idealizador e comandante da expedição e o mecânico Henrique Pellicier a bordo do carro “Brasil” doado pelo jornal “O Globo”, saíram em 16/04/1928, rumo a Capital paulista, onde o outro veículo, denominado “São Paulo” doado pelo “Jornal do Comércio” e o observador Francisco Lopes da Cruz, foram incorporados ao grupo. Em São Paulo, Pellicier abandonou a expedição que seguiu pelo interior paulista. Ao passarem por Pederneiras, o mecânico Mário Fava incorporou-se ao grupo, completando a equipe, até então desprovida de mecânico, desde o abandono de Pellicier.

Com a equipe completa, conforme concebida e planejada inicialmente, a expedição seguiu em frente atravessando as três américas, para retornar ao ponto de partida, dez anos, um mês e nove dias depois, percorrendo 27.631 quilômetros. Superando todas as dificuldades encontradas ao longo das tantas estradas em péssimas condições, picadas, matas, rios, pântanos, florestas e a temível Cordilheira dos Andes, cruzaram 15 países das três Américas, chegando aos Estados Unidos, onde foram reconhecidos e recebidos como heróis. (Museu Mário Fava, 2018, seção viagem, grifos do autor)

Ao se pensar numa viagem do Brasil para os Estados Unidos atualmente, pode-se chegar até lá em um único dia, mas analisando o período em que a expedição foi realizada, conseguimos compreender o porquê de a viagem ter durado 10 anos. Na maioria dos locais que passaram não existiam estradas, tendo que ser os primeiros a abrir caminho, e como narrado na exposição do Museu, em alguns momentos os carros precisaram ser desmontados para algumas travessias de barco, e o encarregado dessa tarefa era o mecânico Mário Fava.

Se tratando de um museu particular preocupado em enaltecer os feitos dos integrantes da Carretera Panamericana, a narrativa que se dá em relação a eles é de que foram “heróis”. Essa tratativa pode ser explicada por Farias Júnior (2021):

Sob esta ótica, museus particulares ou públicos podem abrigar o que tais estudiosos denominam de ‘símbolos de fé’, tais como fotografias, indumentária, objetos pessoais, mobílias, entre outros, a fim de que os sujeitos reverenciados se imortalizem junto à memória coletiva. (FARIAS JUNIOR, 2021, p. 11)

Esse “símbolo de fé” é o próprio Mário Fava, que durante diversas décadas teve sua história esquecida no imaginário popular, e que foi resgatado a partir da criação do museu. Percebe-se que ter uma figura de destaque internacional na colônia italiana que se formou em Bariri é fundamental para que possa se manter viva a memória dos imigrantes e contribuir para o conceito de *capital social* elencado por Putnam (2006).



A EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA E AS CONTRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

Para compreender a importância da exposição, faz-se necessário compreender o conceito de patrimônio cultural:

O conceito de patrimônio cultural, na atualidade, parte do princípio de que o bem cultural tem uma relevância que ultrapassa a si mesmo, por trazer memórias e lembranças que constroem a identidade coletiva cujo reconhecimento se dá a partir do presente com vistas a projeções futuras. (ANDRADE E LAMAS, 2020, p. 12)

Esse reconhecimento de um bem que ultrapassa a si mesmo permite compreender a relevância do museu para a cidade, especialmente para as pessoas que são descendentes dos imigrantes italianos. Feito igual ao de Mário Fava é raro de ser encontrado. Mesmo que não tenha tido a intenção de contar sua história para os seus contemporâneos – visto o espaço de tempo entre a construção da estrada e a criação do museu, quando Mário já havia falecido – o seu legado, ao ser preservado e institucionalizado no museu, foi responsável por manter viva a memória dos imigrantes e unir de forma significativa a comunidade que já estava sendo desfeita com o passar dos anos.

O museu tem a capacidade de oferecer aos visitantes experiências, ideias e satisfações que não se encontram em outros lugares. Nesse sentido, essas instituições deixaram de ser apenas espaços para a exposição de objetos, passando a lugares de entretenimento e aprendizagem. De locais cada vez menos contemplativos, os museus se tornaram ambientes participativos e cada vez atraem um número maior de visitantes (BAUER, SOHN E OLIVEIRA, 2019, p. 296).

Uma das soluções encontradas para atrair e cativar cada vez mais os diferentes públicos de museus foi a interatividade (Silva & Santos, 2011). Alguns estudos indicam que o uso das TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) pelos museus tem a capacidade de aumentar o número de turistas, atrair novos públicos e melhorar a aprendizagem do visitante (Lehn & Heath, 2005; Peacock, 2008; Asensio & Asenjo, 2011). Com o passar dos anos, cada vez mais essas instituições têm inserido tecnologias em seus espaços como ferramenta de comunicação e inovação, além de propor novas abordagens contextuais e expositivas (Román, González & Gascón, 2017).



O uso das TICs pelos museus é uma tendência museológica na atualidade (Pujol-Tost, 2011), em que cada vez mais essas instituições tendem a se aproveitar desse fenômeno como forma de ampliar as experiências dos seus visitantes de maneira mais participativa e interativa (BAUER, SOHN E OLIVEIRA, 2019, p. 296). Sendo responsável também pela produção de conhecimento, os museus devem procurar inovar sua metodologia de diálogo com o público que vai se alterando com o passar dos anos, principalmente com as evoluções tecnológicas. Compreendemos que:

A utilização das tecnologias vem modificando a relação do homem como ser social, na medida em que o condiciona a desenvolver novas capacidades e habilidades. Inseridos neste contexto e compreendendo-os como espaços de memória destas transformações, os museus acompanham ou necessitam acompanhar este movimento. (DUMBRA E ARRUDA, 2013, p. 123).

Ao procurar inovar, os museus conseguem dialogar, principalmente, com as novas gerações que já nascem inseridas em uma sociedade dominada pela tecnologia, os chamados nativos digitais, que são:

Aqueles sujeitos que têm contato com a linguagem do computador, dos videogames e internet de um modo geral desde muito cedo. São falantes nativos dessa linguagem e nos primeiros anos já se mostram atraídos e adaptando-se facilmente às tecnologias digitais (PRENSKY, 2001, *apud* TAVARES E MELO, 2019, p. 2).

Por se adaptarem facilmente às novas tecnologias digitais, ao se depararem com elas nos museus, o interesse pela exposição e por todo conhecimento que pode ser adquirido passa a ser maior, mesmo que de maneira involuntária. Apesar de o nativo digital estar em um local que popularmente é denominado como algo que fala apenas do passado, é impactado e cativado com os avanços tecnológicos presentes ali, que já está familiarizado com o uso em seu dia a dia, podendo compreender que a História é o meio para transformar o presente e construir o futuro.

Na sua inauguração, o Museu Mário Fava contava com alguns quadros nas paredes, uma estátua em tamanho real do mecânico que deu nome ao museu, o carro apelidado de Brasil ao centro do salão principal e três obras já produzidas sobre o tema, *Museu Mário Fava - Histórias de Bariri* (2017), de José Augusto Barboza Cava, *O Brasil através das três*



américas (2011), de Beto Brago, e *Eu não sabia que era tão longe* (2017), de Osni Ferrari. (Museu Mário Fava, 2018, seção museu, grifos do autor)

Na última reforma realizada, o objetivo foi uma repaginação interna da exposição, proporcionando uma narrativa mais clara da expedição a partir dos textos inseridos nas novas paredes. Também foram acrescentados três tablets interativos com áudio e vídeo para proporcionar uma interação tecnológica com os visitantes, favorecendo o interesse principalmente do público jovem pela história e exposição.

No primeiro tablet, o visitante consegue navegar pelos países em que a expedição passou, e ao clicar em cada um deles, aparece um texto descritivo e um áudio narrando os acontecimentos naquele local. O segundo tablet contém vídeos detalhando os desafios da viagem e narrando um pouco mais sobre as histórias dos três aventureiros, que também contam com recurso de áudio. E o terceiro tablet conta com as matérias de jornais que publicaram sobre a expedição durante o período em que estava ocorrendo e publicações posteriores à criação do museu, sendo o único tablet que não contém recurso de áudio.

Essa inserção tecnológica se deu pela necessidade e demanda do público-alvo:

Os museus enquanto comunicadores de identidades e de culturas devem conhecer seus públicos para melhor elaborar seus programas e projetos, ou seja, para a construção do museu deve se atentar aos diferentes públicos, pois se sabe que os diversos visitantes se apresentam com exigências, interesses e necessidades diferentes. (DUMBRA E ARRUDA, 2013, p. 135)

Ao se atentar a isso, o museu foi ao encontro da afirmação de Andrade (2008), de que “os museus têm de se adaptar a mudanças, devendo aproveitar o desenvolvimento comunicacional e tecnológico, e em especial a Internet, na sua estratégia de comunicação com os públicos”. (ANDRADE, 2008, p.2 *apud* DUMBRA E ARRUDA, 2013, p. 126)

Por conta da pandemia da Covid-19 e das medidas restritivas impostas a partir de abril de 2021, as inserções tecnológicas que foram feitas no ambiente do museu acabaram ficando sem utilidade a partir do momento em que não puderam receber mais visitantes. Por isso, a alternativa escolhida pela instituição foi criar uma web série, chama de *As aventuras de Mário*



Fava pelas 3 Américas, utilizando o canal oficial do museu no Youtube¹³, com o objetivo de continuar a divulgação da façanha dos expedicionários brasileiros.

No total, foram publicados 10 vídeos com uma média de 5 minutos de duração, que continham animação e narração a respeito de determinado período da viagem. Os títulos dos vídeos, em sequência, foram: *A infância de Mário Fava*, *Pederneiras*, *o encontro com a aventura!*, *Aventuras no interior do Brasil*, *Mário Fava*, *Aventura na Cordilheira dos Andes*, *Aventuras na Floresta Amazônica*, *Aventuras na América Central*, *Aventuras na América do Norte*, *A volta ao Brasil* e a *A vida de aventuras e o legado do herói*. Os vídeos somaram 1445 visualizações¹⁴. O museu também transmitiu 10 vídeos ao vivo, que posteriormente ficaram disponíveis no canal do Youtube. A transmissão era feita poucos dias após o lançamento de um episódio, e a apresentação foi feita pelo curador do museu, José Augusto Barboza Cava. Somados, os vídeos totalizam 2005 visualizações¹⁵.

Ao analisar os vídeos, pode-se observar uma descrição sucinta de acontecimentos marcantes da viagem, tendo sempre como destaque o papel de Mário Fava para a solução dos problemas, favorecendo o seu enaltecimento como “herói”. Nos vídeos que foram transmitidos ao vivo, é possível observar uma abordagem mais profunda, com descrições mais precisas dos fatos, mas sem perder a essência romântica de tratar os expedicionários como “heróis”. Fato é, que a iniciativa do museu em utilizar as redes sociais para divulgar a história da Carretera Panamericana foi eficaz, visto a quantidade de visualizações, seguidores e curtidas que as páginas pertencentes ao ou museu receberam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os milhares de imigrantes que desembarcaram nos portos nacionais nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX buscaram cada qual a sua maneira um modo de preservar seus laços com as origens. No estado de São Paulos, os italianos dedicaram-se em

¹³ O canal do museu pode ser acessado pelo link: <https://www.youtube.com/c/MuseuMarioFava>

¹⁴ Os dados foram coletados no dia 16 de novembro de 2021, podendo sofrer alterações em futuras consultas.

¹⁵ Os dados foram coletados no dia 16 de novembro de 2021, podendo sofrer alterações em futuras consultas.



sua maioria para o trabalho na lavoura, especialmente com o cultivo de café. Dentre os milhares, diversas trajetórias dos imigrantes pioneiros e seus descendentes ainda não foram analisadas e divulgadas, como aconteceu com o baririense Mário Fava.

No município paulista, formou-se uma colônia italiana que alcançou uma rápida mobilidade social, acarretando um certo grau de destaque social, principalmente com a construção da sede social da *Sociedade Italiana de Caridade IV de Novembro*, que serviu como meio de afirmação da identidade dos migrados na localidade.

Após o início da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, lutando ao lado dos Aliados, a colônia se viu obrigada a fechar as portas de sua sede social por conta da oposição aos países do Eixo. Posteriormente, evidenciou-se que o prédio passou a ter diversas utilidades, não conseguindo retomar ao seu papel inicial. Antes de abrigar o museu, encontrava-se fechado e necessitado de uma reforma completa para não colocar em risco a estrutura e a integridade física dos futuros profissionais e visitantes que ali ficariam estariam.

Nota-se que o museu inovar sua exposição após a inauguração em 2018, dando um passo significativo ao inserir os tablets interativos no ambiente, que favoreceu o interesse e inserção dos nativos digitais pela história ali contada. Por conta da pandemia do Covid-19, a ideia de desenvolver a web série *As aventuras de Mário Fava pelas 3 Américas* pelo YouTube também foi frutífera, visto a quantidade de visualizações que os vídeos receberam

Compreendeu-se, portanto, que a tecnologia é uma aliada para o museu, assim como para diversas áreas ligadas a história e a educação. Mesmo que tenha uma narrativa romantizada sobre a história, enaltecendo os feitos dos integrantes e os elevando a categoria de “heróis”, os empenhos da instituição cumpre seu papel social enquanto propagador de conhecimento para as diferentes faixas etárias que entram em contato com a história, seja de modo presencial ou virtual.

REFERÊNCIAS

ASENSIO, M., & ASENJO, E. (2011). **Lazos de luz azul: Museos y tecnologías 1, 2 y 3.0** [Blue Light Ties: Museums and 1, 2 and 3.0 Technologies]. Barcelona: UOC. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=720428>. Acesso em: 21 de nov. de 2021.



A viagem. **Museu Mário Fava**, 2018. Disponível em: <http://museumariofava.com.br/viagem>. Acesso em: 18 de nov. de 2020.

BAUER, J. E; SOHN, A. P. L; OLIVEIRA, B. S. **Turismo cultural: um estudo sobre museus e internet**. *Revista Turismo, Visão e Ação*, V 21, n 3, p291-308, Set./Dez. 2019 - Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tva/a/xWY7dsX3hLpVbqWyGn3rXnn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 de nov. de 2021.

BRAGA, Beto. **O Brasil através da três Américas**. 1ª Edição. Bauru: Canal 6 Editora, 2011.

CARLAN, Claudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. *História*, São Paulo, 27 (2): 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742008000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 de set. de 2020.

CAVA, José Augusto Barboza. **Museu Mário Fava**. 1ª edição. Rio de Janeiro: IMPRINT 2001, 2017.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. 1ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

DUMBRA, Camila Nataly Pinho; ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Museus interativos: interfaces entre o virtual e o ensino de História**. V. 13, n. 1 (2013): Dossiê Linguagens, Tecnologias da Informação e Ensino de História. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/20496>. Acesso em: 15 de set. de 2020.

FARIAS JUNIOR, José Pretúcio de. **Educação Museal e produção de memórias: o Museu “Ozildo Albano”**. *Revista Brasileira de História da Educação*. V. 21. Maringá, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/pLWhf9ZXzB5XFvhc9T5R7kS/>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento; COSTA, Juliana Carolina Oliveira. História da Imigração (1830-1880). In: **História da Imigração no Brasil**. Luis Reznik (org.). Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020

FERRARI, Osni. **Eu não sabia que era tão longe**. 2ª edição. Campinas: C Costa Gráfica, 2017.

FUNARI, Pedro Paulo. Fontes Arqueológicas: Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.



GONÇALVES, Paulo Cesar. A Grande Imigração no Brasil (1880-1930): números e conjunturas. In: **História da imigração no Brasil**. Organizador: Luís Reznik. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

HOLLOWAY, Thomas. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da monarquia ao fim do Estado Novo**. 1ª edição, 5ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LEHN, D. V., & HEATH, C. (2005). **Accounting for new technology in museum exhibitions**. *International Journal of Arts Management*, 11-21. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229432097_Accounting_for_New_Technology_in_Museum_Exhibitions. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

LUNA, Francisco Vidal; KLEIN, Herbert S. **História econômica e social do estado de São Paulo, 1850-1950**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

O Museu. **Museu Mário Fava**, 2018. Disponível em: <http://museumariofava.com.br/museu>. Acesso em: 16 de set. de 2020.

Peacock, D. **Making ways for change: Museums, disruptive technologies and organisational change**. *Museum Management and Curatorship*, 23(4), 333-351. 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09647770802517324>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

PRENSKY, M. (2001). **Digital Natives, Digital Imigrants- part 1**. *Onthehorizon*, 9(5), 1-6. Recuperado: 07 out. 2013. Disponível: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em 15 de set. de 2020.

PUJOL-TOST, L. (2011). **Integrating ICT in exhibitions**. *Museum Management and Curatorship*, V. 26, n. 1, p. 63-79. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233170316_Integrating_ICT_in_exhibitions. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



ROMÁN, E. P., GONZÁLEZ, N. T., GASCÓN, J. F. F. (2017). Innovación, turismo y TIC: el caso de los museos de Barcelona. **PASOS**. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 15(3). Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6030656>. Acesso em: 20 de nov. de 2021.

SILVA, P. & SANTOS, G. (2011). A qualidade da experiência dos visitantes ao Museu do Futebol. Observatório de Inovação do Turismo - **Revista Acadêmica**, V. 6, n. 2, p. 1-19. Disponível em: https://www.uces.br/site/midia/arquivos/a_qualidade.pdf. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

TAVARES, Vinicius dos Santos; MELO, Rosane Braga de. Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais. **Psicologia Escolar e Educacional**, V. 23. Maringá, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572019000100306&lang=pt. Acesso em: 15 de set. de 2020.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra; VOLANTE, João Pedro. Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no Oeste Paulista (1880-1950). In: **Migrações internacionais no interior paulista**. Organizador: Oswaldo Mario Serra Truzzi. São Carlos: EDUFSCar, 2021.

TRUZZI, Oswaldo. **Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

TILLY, Charles. Trust Networks in Transnational Migration. **Sociological Forum**, Vol. 22, No. 1, March 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2780243>. Acesso em: 13 de jun. de 2021.

ZANOTTI, Elísio Francisco. **Bariri: o café e a república**. São Carlos: Editora e Distribuidora JABURU Ltda., 1988.